



Diáspora indígena, autoficção e memória em *Metade Cara, Metade Máscara*

Indigenous diaspora, self-fiction, and memory in *Metade Cara, Metade Máscara*

Patrícia Bersch Barbosa¹

Resumo: O presente texto analisa a obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), de Eliane Potiguara, na qual o narrador revela a estreita relação entre mito e poesia, história e memória, lugar e nação, identidade e alteridade. Entre o espaço da terra-mãe e o da diáspora, a personagem Cunhataí parte em busca da tradição indígena numa viagem que percorre os quinhentos anos após a chegada do colonizador no Brasil. A autora aborda as relações de gênero no processo de consolidação da nação brasileira, desconstrói o cânone arquitetado a partir do olhar do estrangeiro e instaura novas concepções de espaços e de individualidades, representando a cultura indígena e reavaliando o passado histórico e literário e o conceito de Estado-nação.

Palavras-chave: Escrita Indígena. Diáspora. Memória. Autoficção.

Abstract: This text analyzes the work *Metade Cara, Metade Máscara* (2004) (Half face, half mask, in a free translation), by Eliane Potiguara, in which the narrator reveals the close connection between myth and poetry, history and memory, place and nation, identity and otherness. Between the space of mother earth and that of the diaspora, the character Cunhataí seeks her indigenous heritage in a journey that encompasses the five hundred years since the arrival of colonizers in Brazil. The author discusses gender relations in the process of consolidation of the Brazilian nation, deconstructs the canon devised from the foreigner's perspective and establishes new conceptions of spaces and individualities, representing indigenous culture and reassessing the historic and literary past, as well as the concept of Nation State.

Keywords: Indigenous writing. Diaspora. Memory. Self-fiction.

Na história do indianismo da literatura brasileira a participação de escritores indígenas permite a compreensão desse universo literário a partir de uma perspectiva distinta da dos escritores que abarcam essa questão nos diversos períodos literários do Brasil. As obras como *Meu destino é ser onça*, de Alberto Mussa, *Metade Cara*,

¹ É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, possui mestrado em Letras - História da Literatura pela mesma instituição e graduação em Letras - Português e Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas. No âmbito dos estudos literários atua principalmente na área de literatura comparada (literatura brasileira e literaturas estrangeiras, literatura e cinema literatura e artes plásticas) com interesse pelas seguintes questões: paisagem, animalidade, corpo, erotismo.

Metade Máscara, de Eliane Potiguara e *Todas as coisas são pequenas*, de Daniel Munduruku, são textos de dimensão política, os quais manifestam seu compromisso com a sua terra, com o seu tempo e com a sua sociedade, ao mesmo tempo em que introduzem espaços de experiência e valorização da cultura indígena no país.

Em *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara, o leitor pode observar como se instaurou o processo de colonização no Brasil e como transcorreu o período pós-colonial sob a ótica de uma autora indígena. Eliane Potiguara é de origem étnica potiguara, comunidade indígena que povoava o litoral dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, na época em que os portugueses e outros povos europeus chegaram ao Brasil. Segundo Horácio de Almeida, em *História da Paraíba* (1978), os franceses mantiveram relação de comércio com os índios potiguaras no intenso tráfico de pau-brasil, entre outros produtos da terra. Essa interação se estabelecia através da troca, os potiguaras recebiam ajuda bélica e militar na guerra contra os portugueses enquanto os franceses obtinham a contribuição indígena na extração e no tráfico das riquezas naturais. Outro ponto, destacado por Almeida, é a miscigenação definida a partir das aproximações entre os franceses e a população local em que a presença francesa na América Indígena intensificou a posterior existência de uma nação mestiça.

Após o processo de colonização no Brasil, a etnia potiguara foi praticamente exterminada e, atualmente, os descendentes que vivem no estado da Paraíba e no Ceará lutam por seus direitos. Parte dessa população ainda vive em aldeias e outra parcela se deslocou para cidades como João Pessoa e Rio de Janeiro, através dos processos migratórios. A economia do povo potiguara se baseia de uma forma geral na exploração da cana-de-açúcar, na criação de camarões e no turismo, meio pelo qual o artesanato indígena é comercializado. Os potiguaras compõem uma comunidade organizada que luta por seu espaço na sociedade brasileira e pela preservação das terras. É comum ver em jornais movimentos de protesto como o ocorrido em 2009 no litoral norte da Paraíba, no qual os índios potiguaras fecharam o acesso à aldeia Lagoa do Mato no município de Baía da Traição, local utilizado irregularmente para despejo de lixo. Em 2019, juntamente com os tabajaras, os índios potiguaras protestaram contra a nomeação da coordenadora do Distrito Sanitário Especial Indígena da Paraíba alegando que a medida seria inconstitucional, já que a comunidade não havia sido consultada.

Neste contexto de marginalização, em que vivem os índios no Brasil, é fundamental a divulgação de documentos que registrem a história da população

indígena no país e contribuam para o reconhecimento de sua cultura, como a obra *Metade Cara, Metade Máscara*, da escritora e poeta Eliane Potiguara e também professora graduada em Letras e Licenciada em Educação que em 2021 recebeu o título de doutora “honoris causa” do Conselho Universitário Consuni, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autodidata em Direitos Indígenas, essa ameríndia fundou em 1985 a Associação Grumin (Grupo Mulher-Educação Indígena), tendo sido contemplada, por esta iniciativa, com o II Prêmio de Cidadania Internacional pela Fundação Iraquiana Bah'ai. É autora de *A terra é a mãe do índio* (1989), *Akajutitibirô, terra do índio potiguara* (1994), *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), entre outras obras, artigos e entrevistas publicadas em jornais e revistas que abordam a temática indígena. A vida de Eliane é marcada por uma intensa militância em prol dos direitos indígenas, tendo sido considerada *Mulher do Ano* de 1988 e indicada, pela organização feminista brasileira Redeh, para o Prêmio *1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005*. Participou de Fóruns nacionais e internacionais e das discussões para a elaboração da *Declaração Universal dos Direitos Indígenas*, em Genebra.

Criada em um gueto formado por indígenas e judeus no Rio de Janeiro, Eliane Potiguara cresceu escutando as histórias de suas tias e de sua avó. Os hábitos e as falas dessas mulheres acabaram denunciando a condição de migrantes indígenas e com isso, desde muito pequena, Eliane sofreu o preconceito de ser pobre e índia. Estigmatizada, vivendo em contato com o alcoolismo e a prostituição, num ambiente marginalizado e miserável, Eliane com sete anos já escrevia cartas a pedido de sua avó analfabeta para uma pessoa que vivia na Paraíba e, envolvida pelas histórias da velha índia potiguara, entra em contato com um mundo mágico e literário, o que contribuiu para a posterior carreira de escritora indígena.

Eliane nasceu com uma marca roxa sobre o olho direito, este fato intensificou a discriminação em relação a sua imagem de mulher indígena e pobre na sociedade, já que a polêmica sobre o sinal indicava que ela havia sido violentada pelo marido ou pela polícia. Mas, segundo Graça Graúna, em seu texto inserido na introdução da obra *Metade Cara, Metade Máscara*:

Por volta de 1979, o cacique Faustino dissera que o sinal cor de jenipapo que Eliane Potiguara traz no lado direito do rosto (de nascença) representava uma marca de ancestralidade. Essa

cosmovisão fortalece o vínculo que os filhos da terra mantêm com as leis que regem a natureza, sem desprender-se da realidade que os cerca (POTIGUARA, 2004, p.17).

Esses fatos da vida de Eliane Potiguara perpassam a tessitura ficcional do discurso narrativo de ficção de *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), a qual é formada por diferentes gêneros como o testemunho, a poesia, a autobiografia e o documento histórico, textos que se intercomunicam e refratam sentidos através do jogo discursivo entre as diversas formas narrativas que acabam por conformar o todo do texto, dando conta do momento histórico no qual a obra se insere: os quinhentos anos após a chegada do colonizador no Brasil.

O narrador faz uma trajetória pelo passado, presente e futuro, mostrando as primeiras invasões dos portugueses no território indígena, o posterior processo de exploração da terra e o intenso massacre dos índios. Através da viagem das personagens Cunhataí e Jurupiranga, que percorrem quinhentos anos na narrativa, a história de *Metade Cara, Metade Máscara* retrata a separação e a migração das famílias indígenas, o trabalho escravo e a intervenção do colonizador na cultura indígena, o surgimento das cidades e a destruição da natureza tropical, a poluição dos rios, as queimadas, a violência, a miséria, o racismo, as doenças, a agressividade contra a mulher índia, entre outras cenas que representam a marginalização indígena.

A personagem Cunhataí é um símbolo de resistência na narrativa, já que antes de nascer sua mãe, levada pelo medo das invasões estrangeiras, toma uma erva para matar a semente que resiste e nasce com uma marca roxa sobre o olho direito, um sinal da ancestralidade carregada por Cunhataí. A mãe de Cunhataí nega as raízes indígenas e fica cega e muda. A pequena índia passa a ser criada por sua avó, uma mulher guerreira que, como a neta, tem a missão de levar a herança adiante. Com o passar do tempo, a mãe de Cunhataí renasce da cegueira e da mudez devido a uma prova divina e se torna sacerdotisa das águas.

Assim, Cunhataí – que antes de nascer já ouvia os espíritos da floresta, via a mãe das águas e tinha o poder de curar – resiste a todas as imposições que percorrem a sua existência e não desiste de encontrar o seu companheiro Jurupiranga e de recuperar a sua dignidade como mulher indígena.

No último capítulo, “Vitória dos povos”, Cunhataí prepara uma grande festa nordestina para receber Jurupiranga. A comida é preparada numa escola, que estava

impregnada pelos vícios do neocolonizador. Cajuos imensos são transformados numa grande caldeirada de doce e a comida é preparada para milhares de pessoas. Quando o doce de caju fica pronto, a calda começa a transbordar e rapidamente inunda a escola. Desesperada com a sujeira que tomava conta do lugar, Cunhataí seca e sua pele se enruga. A índia entra em estado de choque, mas ao voltar desse aniquilamento fica sabendo que sua mãe Alzael e sua filha Monaí haviam limpado tudo e que a festa havia sido um sucesso. Jurupiranga como os outros guerreiros são recebidos por todos, o povo indígena reencontra a sua identidade e as personagens Cunhataí e Jurupiranga permanecem unidos para sempre.

A situação da mulher indígena tem destaque na obra de Potiguara, pois, como ressalta Graça Graúna, “ela questiona a representação da mulher indígena na sociedade não-índia, mostrando que desde a colonização essa mulher foi e continua sendo tratada com requintes de malícia, discriminação, brutalidade, preconceito” (POTIGUARA, 2004, p.20). Na narrativa de *Metade Cara, Metade Máscara*, a mulher é comparada com a terra, já que ambas permitem a existência da vida. Dessa maneira, com a destruição das terras indígenas se dá, também, a perda da essência da mulher índia, o que se pode perceber nas diversas poesias que permeiam a narrativa, entre outros textos através dos quais o narrador instiga as mulheres a buscarem seus conhecimentos ancestrais e a recuperarem a dignidade feminina na missão de levar a “herança” adiante.

Antes da chegada do colonizador nas terras indígenas, a palavra da mulher índia era fundamental na tomada de decisão:

Ignace Pane, o primeiro antropólogo indígena do Paraguai, autor de *Apuntes de Sociología (A mulher Guarani)*, conta que, antes do processo de escravidão, a mulher indígena tinha o mesmo papel de decisão que os pais, maridos e irmãos. A sua palavra era a palavra final para decidir uma guerra intertribal ou uma decisão ou assembléia política. Com a chegada dos estrangeiros, a mulher passou à retaguarda e permanece até hoje servindo de mão-de-obra escrava, ou submetendo-se à neocolonização como objeto sexual e descartável. (POTIGUARA, 2004, p.56)

Ao buscar a história de seu antepassado, Eliane Potiguara constrói um imaginário na narrativa que permite a compreensão do processo de aculturação na América Indígena, destacando a importância da recuperação da essência feminina na transformação social. Segundo Simone de Beauvoir “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1949, p.14). Na cultura européia, branca e cristã do colonizador, a mulher executava um papel bem diferente em relação ao da mulher indígena, já que na sociedade patriarcal o *ser feminino* viveu, durante muitos anos, à sombra do homem, sendo privado de certas funções como tomar decisões e participar de reuniões políticas. No estado de objeto, o espaço da mulher era limitado ao lar, em torno dos trabalhos domésticos e dos cuidados com a família. Nesse contexto ideológico, o colonizador projetou na imagem da mulher indígena um “objeto sexual e descartável”.

Em *Memória de nós: da nossa ancestralidade indígena*, Wilma Martins de Mendonça discorre sobre a visão preconceituosa do homem europeu em relação à imagem da mulher índia. Um dos exemplos citados é o perfil que José de Anchieta configurou do feminino no Brasil. Para Anchieta, as índias não sabiam se negar a ninguém e importunavam os homens, jogando-se na rede com eles. Conforme Mendonça, as mulheres indígenas eram “descritas como ícones de luxúria, satanismo e ignorância” (MENDONÇA, 2009, p.107). Wilma destaca também, o medo que os missionários demonstravam diante das índias:

O Pe. Manoel da Nóbrega (1980), num exercício de angustiante recorrência, ao que parece ter sido a sua grande preocupação sacerdotal no Brasil, solicita em sucessivas cartas ao Pe. Mestre Simão, seu superior em Lisboa, e ao próprio rei de Portugal, D. João III, o envio de mulheres para os colonos portugueses, não descartando as prostitutas lusitanas, consideradas por Nóbrega moralmente superiores às mulheres tupinambás (MENDONÇA, 2009, p.108).

Eliane Potiguara ressalta que desde o primeiro contato entre o colonizador e o colonizado até a atualidade “as mulheres indígenas em suas comunidades realmente são iludidas pelo encantamento e pelas condições da sociedade envolvente”

(POTIGUARA, 2004, p.29). Com o aniquilamento da cultura indígena e a imposição da ideologia européia, a mulher índia passou a ser estigmatizada por não seguir os padrões estipulados pela cultura dominante. Esta pressão política, social e econômica fez com que a mulher indígena sentisse vergonha da sua condição, o que posteriormente se converteu em medo da discriminação social e racial. Esta situação de marginalização se perpetuou durante anos e, vivendo à margem da sociedade, muitas mulheres indígenas encontraram na prostituição a sua sobrevivência.

Atualmente, centenas de mulheres indígenas se dirigem aos grandes centros urbanos, buscando alcançar o padrão de vida estipulado pela comunicação de massa. Fascinadas pelo discurso da cultura dominante, no qual a tendência é apagar as diferenças culturais para se obter um conceito único de cultura, muitas mulheres “querem projetar-se nos loiríssimos símbolos sexuais das grandes redes de televisão, atual modelo de beleza brasileira” (POTIGUARA, 2004, p.30). Dessa maneira, o processo de aculturação, no qual o colonizador português impôs a sua cultura e desqualificou a do outro, ainda prevalece em nossa sociedade sob outras formas, já que após os processos pós-coloniais a manipulação cultural tomou novas variações.

A globalização, a massificação cultural, a mundialização do capital e o desenvolvimento neoliberal da política internacional intensificaram as desigualdades sociais e acabaram por excluir, ferir, marginalizar e isolar os povos que não se inserem no novo quadro mundial. Sob esse movimento de marginalização das culturas locais, o leitor da narrativa de Eliane Potiguara encontra em Cunhataí o desespero e a angústia diante da ameaça à sua identidade cultural devido as invasões estrangeiras. Com a perda das terras indígenas e a separação das famílias, a personagem de *Metade Cara, Metade Máscara* parte numa viagem em busca das suas raízes fragmentadas e fragilizadas pelo processo de aculturação. Ao entrar em contato com a destruição do seu mundo, Cunhataí não se reconhece no novo e se sente fora de contexto. Desaldeada, a índia procura por Jurupiranga que também viaja em busca da sua “essência”. Ambas as personagens observam e registram o aniquilamento da sua cultura na construção de uma nova nação, porém num ato de resistência à manipulação cultural, levam a tradição indígena dentro da alma.

A história de resistência de Cunhataí e Jurupiranga permite a compreensão do presente a partir da recuperação do passado, destacando a importância de se preservar as raízes indígenas. Além de incorporar a voz indígena tão escassa na história da literatura brasileira, a narrativa de *Metade cara, metade máscara* avança,

significativamente, para a discussão sobre a representação do feminino na sociedade. Ao mostrar o olhar preconceituoso do europeu diante da mulher indígena, a qual foi tratada como um objeto sexual e descartável, Eliane Potiguara extrai da história de seus antepassados uma questão ainda presente na nossa atualidade: o estereótipo sexualizado da mulher brasileira no cenário mundial.

Nesse sentido, a autora aborda as relações de gênero no processo de consolidação da nação brasileira, desconstrói o cânone arquitetado a partir do olhar do estrangeiro e, através desta obra pós-colonial, recupera na narrativa a cultura destruída pelo colonizador.

A relação colonizador/colonizado tem a mesma ambiguidade presente na relação homem/mulher, pois, o homem é o sujeito que representa o positivo e a mulher o outro, que representa o negativo na sociedade patriarcal, assim, a mulher executa a condição de colonizado, enquanto o homem de colonizador. Ao centralizar a narrativa na imagem da mulher indígena/terra, Eliane Potiguara tece outra versão dessa história. Texto de dimensão política, Potiguara manifesta seu compromisso com a sua terra, com o seu tempo e com a sua sociedade num espaço de multissignificação, como destaca o potiguar Graça Graúna:

O espaço de multissignificação que é *Metade Cara, Metade Máscara* sugere um conjunto de vozes tecido à luz do conhecimento ancestral, das tradições indígenas e, ao mesmo tempo, revela a estreita relação entre mito e poesia, história e memória, lugar e nação, identidade e alteridade. Esses e outros aspectos da crítica-escritura de Eliane Potiguara dão conta de que é fecunda a palavra da mulher indígena; é semelhante à terra sagrada que multiplica o cereal plantado, como diria Ana da Luz F. do Nascimento (uma anciã Kaingang) (POTIGUARA, 2004, 17-18).

A obra *Metade Cara, Metade Máscara* permite a confrontação do local com o global no estudo sobre a formação da cultura nacional, unindo a memória da diáspora, pois é preciso incluir o discurso daqueles que foram excluídos ao longo da história no resgate da ideia de nação, buscando a unidade na diversidade, nas particularidades das realidades locais, ao contrário do discurso nacionalista que configurou o perfil do

brasileiro no projeto ideológico estruturador do nacionalismo, como destaca Hugo Achugar:

O sujeito enunciador do discurso fundante do Estado-nação, na América Latina, durante o século XIX – independentemente de sua individualização – teve um projeto patriarcal e elitista, que excluiu não só a mulher, mas índios, negros, escravos, analfabetos e, em muitos casos, a quem não tinha propriedade (ACHUGAR, 2006, p.203).

A obra de Potiguara, além de desconstruir o cânone literário, instaura novas concepções de espaços e de individualidades, retratando e dando voz à cultura indígena, ao mesmo tempo em que propõe uma revisão do passado e do próprio conceito de Estado-nação, mantendo no centro da memória nacional a história que o discurso dominante deseja esquecer.

Referências

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca. Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba* - vol. I. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1978.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vol. I. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1949.
- MENDONÇA, Wilma Martins de. Memórias de nós: da nossa ancestralidade indígena. In: __ *Mulheres no Brasil. Resistência, lutas e conquistas*. Org. Liane Schneider e Charliton Machado; João Pessoa: EdUFPB, 2009, 101-120.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade Cara, Metade Máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.